

O TABULEIRO DA BAIANA TEM, CULTURA.

ANAILDE ALMEIDA

Professora de Sociologia e Cultura Baiana da UNIFACS e
Doutoranda em Planejamento Territorial e Desenvolvimento
Regional pela Universidade de Barcelona.

*“No tabuleiro da baiana tem:
vatapá, oi, caruru,
munguzá, tem umbú pra ioiô,
Se eu pedi você me dá
o seu coração, seu amor de iaiá,
No coração da baiana tem:
sedução, oi, cangerê,
ilusão, oi, Candomblé pra você,
Juro por Deus, pelo Senhor do Bonfim
Quero você, baianinha,
inteirinha pra mim...”*

(Ary Barroso)¹



O QUE É QUE A BAHIA TEM?

Às vésperas de um novo milênio e do mundo globalizado, surge no *modus operandi* baiano uma nova conjugação: cultura e economia. Um futuro que já começou.

A cultura, historicamente vivenciada como atividade de lazer e entretenimento, mais caracterizada como atividade do ócio, surpreende a todos quando se configura como atividade eminentemente econômica. Isto é, geradora de emprego e renda.

Os primeiros sinais dessa nova conjugação, cultura e economia, foram conhecidos quando o Ministro da Cultura, Francisco Weffort, através de pesquisas terceirizadas, investigou a posição da cultura no *ranking* da economia nacional. Em 1998, a Funda-

ção João Pinheiro, de Minas Gerais, fez um mapa econômico da atividade cultural no País, **Investimentos culturais** e a Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro, **Hábitos de consumo**. Com objetivo de levantar os indicadores econômicos da cultura, as pesquisas constataram, a produção cultural brasileira movimentada quase 10 bilhões de dólares por ano. O equivalente a uma vez e meia do que fatura, por exemplo, a indústria de cigarros. A cada milhão de reais investidos em cultura, são gerados 168 novos empregos. Na indústria em geral, esta relação é de 1 milhão para cada dez novos postos de trabalho. Pode parecer surpreendente, mas o artista brasileiro responde por 75% das vendas de discos².

Na Bahia, de 1994 a 1998, foram investidos R\$ 160 milhões no setor cultural, o que resultou na classificação de segundo lugar entre os estados do país a investir em cultura, perdendo apenas para São Paulo. A situação é relevante num estado considerado o sexto no orçamento nacional. A cultura da Bahia é um segmento que empregou 7,2% da mão de obra eco-

nomicamente ativa da Região Metropolitana de Salvador, tomando por base o ano de 1977. O que representa 84.350 mil pessoas, muito próximo do contingente absorvido pela indústria baiana de transformação, que emprega 8,3% da mão-de-obra.

A exemplo do Ministro da Cultura, o Secretário de Cultura e Turismo da Bahia fez também uma investigação do PIB baiano, constatando que hoje a cultura contribui com 4,66% do produto interno bruto, isto é, R\$ 1,8 bilhões da economia baiana³.

Em 1998, O Governo da Bahia aplicou R\$ 49 milhões em cultura, afirmou o Secretário de Cultura Paulo Gaudenzi, verificando-se em 1999 um aumento desse investimento porque o BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento - ampliou o financiamento do setor cultural. Ao que se deve somar R\$ 264,2 milhões de gastos na Bahia no consumo de produtos e atividades culturais por turistas de diferentes origens.

A Bahia é caracterizada pelo modelo industrial substitutivo de importação, seu diferencial no panorama econômico nordestino. Identificada por sua riqueza natural (agrícola, café e cacau, fibras variadas e pecuária, assim como matérias primas industriais mineral e petrolífera), o que se

¹ No Tabuleiro da baiana, música de Ari Evangelista Barroso, 1937.

² Veja, São Paulo, p. 31, 22 jul. 1998.

³ Jornal A Tarde, 13 dez. 1998.

“... a cultura baiana foi decisiva na produção industrial...”

configura neste processo, vale ressaltar, não só um modelo econômico e político, mas essencialmente cultural quando se consideram as estratégias políticas que resultaram na criação do CIA- Centro Industrial de Aratu, na década de 60, e no Pólo Petroquímico de Camaçari, a partir da década de 70. Decididamente, traçaram o perfil do desenvolvimento econômico da Bahia, mas não se realizaram sem a conjugação cultural, pois a cultura baiana foi decisiva na produção industrial ao tempo em que foi por ela intermediada.

Hoje, na dinâmica da globalização, percebemos, aquilo que foi para a Bahia o marco de desenvolvimento representa um modelo anacrônico no cenário da industrialização. Novos paradigmas do desenvolvimento econômico e social fazem velhos os nossos modelos de produção industrial. Novamente nos deparamos com o Estado em crise, sem competitividade de um lado, defasado em sua tecnologia industrial e, do outro, em retrocesso na qualidade de vida de sua população. Os índices de pobreza se revelam, então, assustadores.

Há urgência na geração de emprego e renda. Os caminhos de hoje sinalizam, impreterivelmente, para um desenvolvimento auto-sustentável.

É este cenário que faz vislumbrar a luz do escuro túnel no fomento a cultura. Todos os caminhos indicam que a retomada do crescimento regional e a superação da crise não será mais pela dependência tecnológica da produção, mas pelo incremento do seu potencial cultural e capacidade de preservação de sua identidade. É este o caminho capaz de conferir à

Bahia um novo desenho de desenvolvimento na mais perfeita conjugação: cultura e economia.

Uma região que toma consciência desse profundo processo de mudança buscará meios de fortalecer ações de desenvolvimento da cultura como estratégia de crescimento econômico, independente da indústria de transformação.

A dimensão cultural pode e deve contribuir para o desenvolvimento da cultura política. Neste sentido, não se concebe mais a distância entre cultura política e política cultural. Em uma e outra é que se decide o modelo de sociabilidade de uma região, de modo que ações e atores sociais sejam elementos decisivos da possibilidade de crescer e viver o sonho de ser feliz.

O papel da ação regional será de fundamental importância como executor e fomentador da cultura. Entretanto, esta ação local destacadamente relevante não pode deixar de inserir-se no conjunto da realidade econômica da sociedade como um todo.

É imprescindível não perder a perspectiva de globalização e de desenvolvimento sem abrir mão de sua identidade cultural. A grande tendência está sendo inaugurada com a criação de redes, regiões que se articulam em rede de discussões e de intercambialidade cultural, através de comissões específicas permitindo a seus atores sociais a preservação de suas raízes culturais, a troca de experiências, de dificuldades, de soluções e de crescimento econômico. De acontecimentos deste tipo já se tem notícia em algumas regiões como Rio de Janeiro e, no caso específico da Bahia, o Programa Empreendedor Cultural parceria entre a Secretaria da Cultura e Turismo do Estado e SEBRAE organiza uma Rede de Agentes e Produtores Culturais, uma ferramenta na busca de capacitação profissional da atividade cultural, envolvendo artistas de todo mercado cultural baiano. O resultado desta intercambialidade tem sido reuniões mensais para discussão dos empreendimentos, das dificuldades, elaboração de projetos, trocas de serviços e planejamento es-

tratégico, por exemplo, a Região Metropolitana de Salvador, em estágio mais adiantado, já elaborou Plano Integrado de Desenvolvimento de Ações Culturais para seus municípios, dando origem a negociação de parceria com instituições públicas e privadas que desenvolvem ações culturais nas instâncias municipais, estaduais e federais.

Iniciativas dessa dimensão provocam a articulação da região que se volta para a discussão de políticas culturais locais, preservando a democratização da sociedade, com destaque para aspectos humanos e culturais e para suas raízes, respeitando a formação étnica. Essa democratização e participação ampla implica em caráter suprapartidário, com ações e atores sociais acima das divisões políticas, assegurando, deste modo, o direito de expressão cultural de toda a população nas diferentes linguagens artísticas, preservando a riqueza e a diversidade da manifestação sociocultural.

O crescimento econômico de uma região, para inserir-se com sucesso nas questões nacionais e internacionais, deve partir do conhecimento e valorização de cada município, de sua história, de sua cultura, construindo uma participação ampla de cidadania e governo, isto é, Estado e Sociedade.

Toda essa mudança nos caminhos da economia nacional surge dos riscos de se viver nos limites da capacidade de sustento da Terra, em que 20% das pessoas consomem 80% dos recursos mundiais.

É urgente o desenvolvimento de novos valores culturais e éticos na necessidade de transformar estruturas econômicas e reorientar novos estilos de vida⁴.

Resgatar, revalorizar, reestruturar, redistribuir, reduzir e reciclar são princípios básicos na ordem do dia-a-dia do mundo globalizado, em uso no cotidiano de produtores e consu-

⁴ Fórum Internacional de ONGs e Movimentos Sociais no âmbito do Fórum Global - ECO. 92, RJ, jun. 1992.

66 ... 500 anos em desenfreado processo de homogeneização e desaparecimento de culturas tem resultado em prejuízo do meio ambiente e da qualidade de vida... , ,

midores em todas as áreas, da produção eqüitativa à produção ecologicamente sustentável. Da aplicabilidade destes princípios depende a sustentabilidade entre os países e dentro dos mesmos. Investe-se nesta possibilidade para reverter uma ordem econômica, anacrônica, caracterizada pela produção e consumo que esgota e contamina os recursos naturais, patrimônio da humanidade. A diversidade cultural e de civilizações – os grupos étnicos, a mistura racial, cultural e a biodiversidade – é característica marcante das Américas. Registra-se, porém, 500 anos em desenfreado processo de homogeneização e desaparecimento de culturas. O resultado tem sido o prejuízo do meio ambiente e da qualidade de vida, colocando em risco a existência da vida no planeta.

A luz vista no escuro túnel da qualidade de vida é a cultura, é a ação de preservar, resgatar e fomentar a cultura. Se pensarmos em países como o Brasil que não construíram um parque industrial, que não investiram no desenvolvimento social, econômico e tecnológico, como poderiam agora, não mais que de repente, competir globalmente com a tecnologia de países do primeiro mundo? Como poderiam recuperar, com rapidez, o tempo perdido? Como recuperar gerações de

analfabetismo e os baixos índices de profissionalização? A opção mais segura para estes países não seria o desenvolvimento a partir do seu potencial real? O Brasil destaca-se com possibilidades de imensurável potência: sua CULTURA!

Mas, afinal, o que é mesmo que se chama cultura? Que fenômeno é este em torno do qual se consolida toda uma revolução social, turística, de desenvolvimento, étnica e econômica? Como dizer, com objetividade, o que é cultura? Conceituar CULTURA é tarefa difícil para estudiosos e técnicos, para quem administra e até para quem faz CULTURA. Esta pergunta surge inquietante nas entrelinhas de números tão expressivos.

O que é cultura?

É difícil conceituar porque há uma grande diversidade de cultura na espécie humana. Quatro séc. a.C., Confúcio inicia uma definição de cultura com esta afirmação: a natureza dos homens é a mesma, os seus hábitos é que os mantêm separados.

Mas, o que é cultura? Nós vamos encontrar uma clareza, afirma Laraia⁵ no âmbito da antropologia, o homem, visivelmente um animal frágil, provido apenas de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. O homem, sem asas, dominou os ares, sem guelras ou membranas próprias, conquistou os mares. Difere dos outros animais por ser o único que possui cultura.

Mas, o que é cultura? O homem tem a capacidade da comunicação oral e habilidade criativa para fabricar instrumentos capazes de tornar mais eficiente o seu aparato biológico. A constatação dessas capacidades permitem uma afirmação mais ampla: o homem é o único ser possuidor de cultura (Laraia).

Houve tempo em que a compreensão de cultura esteve vinculada às ciências naturais, considerando-se cultura um fenômeno natural, ou uma unidade psíquica da humanidade ou,

ainda, um determinismo geográfico que acreditava na ação mecânica das forças naturais sobre a humanidade receptiva. A continuidade da pesquisa provou que foram evidências erradas.

A investigação histórica, como a antropológica, abriram caminhos para a diversidade cultural da humanidade, analisa Laraia (p.39-46):

- homem, como parte do reino animal, participa do grande processo evolutivo em que muitas espécies sucumbiram;

- sobreviveram as espécies remanescentes que foram capazes de superar uma furiosa competição e suportar modificações climáticas radicais.

Então, a espécie humana sobreviveu! Venceu. Com o equipamento físico, inclusive, muito pobre:

- incapaz de correr como um antílope, sem a força de um tigre, sem a acuidade visual da águia, sem as dimensões físicas do elefante;

- o homem, ao contrário dessas espécies animais conta apenas com um instrumental orgânico extraordinário de adaptação. E, o mais curioso, uma adaptação quase sem modificação anatômica, a exemplo de alguns répteis que perderam as escamas e ganharam pernas em sucessivas gerações, para sobreviver e superar as dificuldades do solo ganharam locomoção aérea.

Enquanto o homem é o único que obteve o mesmo resultado por outro caminho, chegou ao meio de locomoção aérea por um caminho exterior ao seu corpo. O pássaro só conseguiu voar ao evoluir fisicamente até conseguir nascer com asas. Nós, homens, inventamos o aeroplano, o avião (p. 40).

Resumindo, isso acontece porque o homem é herdeiro do processo cumulativo de conhecimento e experiência. O processo de mudança social, peculiar em toda sociedade, só ocorre e se consolida em consequência das transformações culturais operacionalizadas a partir da experiência incorporada.

⁵ Laraia, 1997.

“ O homem, socializado e solidário, perpetua o modelo de sociabilidade que garante a sua imortalidade...”

O que assegura ao homem sua existência de vencedor é sua capacidade de ser solidário, socializado, o que o impede de “ transformar suas descobertas em produto isolado de um gênio mas, no resultado do esforço conjunto de toda comunidade” (p. 46). Para conseguir esta proeza fantástica, construiu um patrimônio cultural.

O homem, socializado e solidário, perpetua o modelo de sociabilidade que garante a sua imortalidade, apesar da imutável precariedade da vida, e construiu um patrimônio cultural da humanidade:

- “ comportamento decorrente dos seus padrões culturais;
- usa sua cultura como referência e meio de adaptação em diferentes ambientes ecológicos;
- ao acumular experiências, passou a depender de sua capacidade de aprendizagem mais que de sua força genética;
- é a capacidade de sua aprendizagem artística ou profissional que determina o seu comportamento;
- preserva sua cultura como processo cumulativo da experiência histórica das gerações anteriores;
- a experiência de ser gente estimula a criatividade do indivíduo;
- é sua criatividade que garante a sobrevivência nas adversidades” (p. 50).

A partir da análise de Laraia e outros antropólogos, é a experiência humana consolidada e incorporada na trajetória do existir. Um patrimônio da humanidade e uma lente de cap-

tação e registro de imagens, formas e conteúdos. Se existem diferentes lentes é porque diferentes são as formas de ver e conquistar o mundo. Isto é diversidade cultural!

TEM CULTURA REGIONAL

Os municípios de uma região, ao decidirem preservar, conservar, fomentar, produzir e difundir seus produtos culturais é porque perceberam que sua importância é cada vez mais reconhecida como forma de crescimento. Toda mudança social é gestada nas cidades que têm em comum os mesmos problemas e possibilidades, isto é afinidades culturais. Quando são bem administradas geram um produto que tem sido bem sucedido no mercado moderno.

Esses produtos culturais, com suas especificidades é que farão de cada terra única e de sua gente única no jeito de falar, produzir e viver suas relações sociais e econômicas. Cultura é, portanto, o saber fazer de um povo absolutamente contextualizado, inserido e extraído das relações e de sua socialização. Por exemplo, os artistas de uma região apresentam espetáculo de forma diferenciada de outra região quando são comprometidos com suas raízes, seu povo, suas tradições. É nesta especificidade que se resume a marca do sucesso.

As características dessa cultura única, das suas manifestações sócio-culturais, é que exercerão força atrativa sobre outras pessoas, gerando o fluxo chamado turismo, fenômeno indiscutível de desenvolvimento econômico.

Quando uma região toma como desafio a questão do desenvolvimento do turismo, é bastante pertinente a reflexão do que é cultura regional. É importante que esta reflexão seja objetiva no sentido de identificar caminhos para o desenvolvimento econômico, tomando como fator básico a cultura regional. Isto porque turismo e cultura guardam entre si uma relação simbiótica. Cultura é representa-

ção simbólica de bens e valores que exercem poder e força ativadora do fluxo turístico, enquanto o turismo dá suporte e facilitação para difundir e promover os bens culturais. Evidencia-se, nesta simbiose, que o desenvolvimento humano passa, impreteavelmente, por sua cultura. A história de sua cultura é a referência de seu processo de civilização. O fluxo turístico depende da cultura da região, das riquezas naturais, mas muito mais de sua arte, de seus artistas, do calor das relações que se estabelecem, isto é cultura.

A cultura de um povo pode e deve ser trabalhada, e difundida, no sentido de promover desenvolvimento sócio-econômico, o que implicará o conhecimento das áreas naturais, das manifestações socioculturais - culinária, benzedeadas, rezadeiras; das artes e seus artistas - músicos, artesões, enfim, da consciência de sua ecologia.

Historicamente, o processo de crescimento econômico dos municípios traz em seu bojo o preço da exagerada submissão ao modelo de sociedade industrializada que, via de regra, deixam em segundo plano os valores culturais e seu próprio sentimento de humanidade. Neste sentido, vale insistir no questionamento secular de Montaigne e Rousseau, séc. XVIII, aos modernos antropólogos do século XX: em que modelo de sociabilidade o homem garantiu sua felicidade? Que tipo de organização de sociedade e relações de produção tem assegurado qualidade de vida? A expansão econômica, através do modelo de industrialização tem contribuído para que nível de qualidade de vida? É

“ ... em que modelo de sociabilidade o homem garantiu sua felicidade? ”

“ Os meios de comunicação de massa têm alterado a visão de mundo... ”

necessário preservar o direito de um povo questionar qual é o seu próprio desejo de felicidade e desenvolvimento. É necessário assegurar os meios de investir nessa sua busca.

Pesquisas e mapeamentos culturais, tem sido investimentos realizados no mercado a exemplo do que já realizou os Estados de São Paulo e Minas Gerais em 1996 e 97 respectivamente. A Bahia também realizou o seu censo cultural através da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado, de 1997 a 99, com o diferencial de ser o único Estado a disponibilizar as informações em banco de dados, acessados internacionalmente via INTERNET, mapeando, além de todas as regiões, a capital-Salvador, que é o maior desafio em pesquisa nessa área. É esse conhecimento cultural dos municípios de uma região, sua preservação, produção e divulgação que vão ser fatores de crescimento, geradores de oportunidades e negócios e qualidade de vida, além de assegurar desenvolvimento econômico.

No mundo atual, o conceito de desenvolvimento sofre mudanças com muita frequência porque desenvolvimento guarda uma noção de temporalidade. Não faz muito tempo, um município desenvolvido era o que tinha eletricidade, automóvel, telefone, etc. Hoje, uma cidade pode ter os três recursos e ainda não ser considerada desenvolvida. Mudanças aceleradas e profundas têm marcado a civilização moderna o que implica em profunda mudança do contexto socio-cultural.

Os meios de comunicação de massa têm alterado a visão de mundo e o *modus vivendi* de cada gente e seus grupos étnicos, estejam vivendo em metrópole ou em bucólica cidade do interior; seja um trabalhador indus-

trial, executivo ou agrícola, seja adulto ou criança. Ninguém fica imune a esta mudança. Por exemplo, o programa infantil que uma criança da zona sul paulista vê em luxuosa mansão é exatamente o mesmo que vê uma criança da favela dos Alagados em Salvador. Diferente será o processo de assimilação de cada uma porque diferente é a sua cultura regional. Portanto, a cultura de cada um é que vai determinar o uso de uma mesma informação. A cultura é que faz a diferença de uma mesma informação.

Não é necessário uma análise complexa para se perceber que mudanças tão essenciais e profundas na civilização humana irão refletir no sistema de relações humanas. Mudam as relações comunitárias, familiares, mudam as relações de produção e, é óbvio, sua economia.

TEM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NA PRODUÇÃO CULTURAL

Uma conjugação possível e moderna, uma equação que pode gerar muitos números e garantir rentabilidade econômica. Países como a França e Inglaterra foram pioneiros na articulação de cultura e economia.

Se o Ministro da Cultura despertou o Brasil para estudo econômico da cultura, ao afirmar, taxativo, *cultura é um bom negócio*, criando nova estratégia de *marketing* cultural, na Bahia a mensuração da cultura no PIB provocou revolução no mercado de investimentos, atraindo investidores no segmento cultural. O exemplo que salta aos olhos do investidor é, prioritariamente, a indústria do Carnaval. Pesquisas de mercado sinalizam para a geração de US\$ 100 milhões e criação de 80 mil novos empregos em um só evento de 5 a 6 dias.

A Bahia tem em suas regiões um potencial muito rico e diversidade de produtos culturais. Com base no diagnóstico cultural, já armazenado em banco de dados, o **Guia cultural da Bahia**⁶ produzido pela SCT através de pesquisa do censo cultural, sinaliza

para a possibilidade de execução de uma política cultural ágil, desburocratizada, possibilitando uma visibilidade da população e de sua identidade através da participação democrática. Como a Bahia, outras regiões empurrarão o Brasil para destacado lugar no *ranking* da globalização econômica se desenvolver uma política pública cultural que possibilite a geração de emprego e renda. A promoção dos municípios através de produção e venda de bens, serviços culturais e uma infinidade de possibilidades tem sido experimentada como produção, compra e organização de eventos, cobrança de ingressos, parcerias com iniciativas públicas e privadas de instrumentos de consumo e apoio à cultura. A revitalização dos centros urbanos tem casos muito bem sucedidos, por exemplo, cidades pioneiras como São Luis de Maranhão, em 1976, e muitos municípios do Estado de São Paulo, São Sebastião e Santos, em 1976, seguido de outros projetos como o de Minas Gerais e Rio de Janeiro- 1984, além de Belém, Curitiba e Florianópolis. Recentemente tem sido destaque nacional o projeto de Salvador-Bahia com a restauração e revitalização do Pelourinho, em várias etapas desde 1992, agora em fase de conclusão. Integrando-se ao Patrimônio Cultural da Humanidade, o Pelourinho é um composto de vários espaços para manifestações de todas linguagens, reunindo casarões coloniais dos sec. XVIII e XIX, preservando esculturas, fontes antigas, sítios

“... o Pelourinho é um composto de vários espaços para manifestações de todas linguagens...”

⁶ Secretaria da Cultura e Turismo do Estado, 1997-1999.

os arqueológicos e toda linguagem histórica através dos diferentes museus. A preservação do passado em permanente dialética com o presente cultural da Bahia: espaços para a arte emergente e consagrada com o Teatro XVIII, Cinema de Arte Glauber Rocha, Galerias, Cafés e Ateliers, Oficinas, livrarias de acervo diversificado, ainda com o suporte de instituições que desenvolvem ações culturais como UNESCO, Instituto Hospitalidade/Odebrecht e FUNARTE, entre outras.

O Brasil segue apenas o exemplo de outros países bem sucedidos que descobriram em sua própria cultura um meio de geração de emprego e renda, inclusive com participação da população e diversos setores interessados a exemplo da Itália – Bolonha 1960, Espanha - Barcelona, França-Paris, Inglaterra- Londres, EUA - Baltimore, onde a cultura foi fator decisivo no fomento ao turismo e do lazer, diversificando a atividade econômica. Em todas estas experiências, a cultura tem sido um instrumento de resgate da identidade, do patrimônio da humanidade, histórico, artístico e arquitetônico, bem como importante fonte geradora desenvolvimento econômico. Estas iniciativas têm sido exemplo de como a valorização dos marcos simbólicos, o incremento e uso dos espaços de lazer, o incentivo à instalação de população e expansão residencial implicam o desenvolvimento de diferentes setores da economia.

Nós, povos civilizados, não podemos mais cometer o engano de dissociar expansão econômica da qualidade de vida e preservação cultural.

Às vésperas de um novo milênio, é imperativo pensarmos na trajetória futura do nosso desenvolvimento:

quais os caminhos e destinos que desejamos? É preciso decidir, agora, o nosso destino.

No ano de 1999, a TV Bahia convidou Oscar Motomura⁷ para pensar um plano estratégico de desenvolvimento da cultura baiana cujo desafio é lançar a Bahia como o maior pólo cultural do Brasil com dimensão internacional. Neste trabalho, Motomura cita entrevista de Domenico de Masi, sociólogo italiano que discute a questão da cultura mundial. Afirma ser *designer* o *marketing* de seu país. A identidade cultural da Itália, explica, não vem de suas marcas de sapatos, ou óculos, ou roupas das mais famosas e sim de *designer*. É a produção de *designer* que dá à Itália uma identidade cultural em todo o mundo. Um repórter brasileiro perguntou: e no Brasil, o que é capaz de projetar sua imagem em todo o mundo? Após minutos de reflexão, disse enfático: **felicidade**. É esta a grande força capaz de projetar o Brasil no mundo. Completando: convivi com pessoas de vários países, o Japão de ontem no auge de sua riqueza galgando a posição de maior potência econômica do mundo e não se via alegria nos olhos do povo japonês. No Brasil, em meio à fome e todas as dificuldades que sabemos, ao se focar o rosto de um brasileiro projeta-se o brilho nos olhos, **a felicidade!**

Urge pensar uma política concreta de desenvolvimento cultural para que o desejo de desenvolvimento se configure no Brasil, sem excluir a felicidade dos brasileiros como argumenta de forma incisiva Milton Santos⁸:

“a noção de desenvolvimento com a qual se trabalha hoje é puramente ideológica,

não tem fundamento na busca do bem estar. Ela não nos diz como vai ser esse bem estar, não nos diz quanto tempo vamos esperar por isso, não nos indica quais são os vetores que vão ser postos em ação para chegarmos a isso. Acenam de maneira vaga com a retomada do emprego e do crescimento, mas não dizem muito mais. E toda essa formidável produção que existe hoje no Brasil e que impede que o país se torne um vulcão ainda mais explosivo do que já é, tudo isso não é contabilizado como economia.”

BIBLIOGRAFIA

- BAHIA. Assembléia Legislativa. Superintendência de Apoio Parlamentar. Divisão de Pesquisa. **Bahia de todos os fatos: cenas da vida republicana - 1889/1991**. 2ª. ed. Salvador: Assembléia Legislativa, 1997.
- BAHIA. Secretaria da Cultura e Turismo do Estado. **A cultura no PIB da Bahia**, 1997.
- _____. **Guia cultural da Bahia – mapeamento cultural da Bahia**, 16 vols. 1997 – 1999.
- BRASIL. Ministério da Cultura. EMBRATUR. **Programa Nacional de Municipalização do Turismo**. Brasília: 1994.
- COELHO, Teixeira. **O que é cultura**, São Paulo: Brasiliense, 1989.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural**. São Paulo: M.A. Latina, 1997.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura – um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- MANNHEIM, Karl. **Sociologia da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- SANTOS, Milton. **Entrevista** de José Corrêa Leite, fev/mar/abr p. 32 – 39, 1999.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de história da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

⁷ TV BAHIA - Vídeo, Projeto Cidadão, 1999.
⁸ Santos, 1999.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO CURSOS DE EXTENSÃO — 2º SEMESTRE 2001

1. O Pensamento econômico e social de Karl Marx — 2. Max Weber — Economia e sociedade
3. Capitalismo, socialismo e democracia: Schumpeter e a destruição criativa
4. A civilização material no pensamento de Fernand Braudel

Informações e Inscrições: (71) 340-3628 ou e-mail: maregional@unifacs.br